

A invisibilidade das mulheres em *Os Sertões*: dito de outra forma, a violência recôndita no Brasil

The Invisibility of the Feminine in the Work *Os Sertões* and the Concealed Violence in the History of Brazil

Luciana Pereira Queiroz Pimenta*

Fotografia 1 — Mulher beija um dos corpos levados a praça no Complexo da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 29 de outubro de 2025



Fotografia: Moraes, 2025.

Fotografia 2 — Mães, irmãs e esposas que choravam ao redor dos corpos e questionavam a ação do Estado



Fotografia: Silva/2025.

Artigo submetido em 23 de outubro de 2025 e aprovado em 17 de março de 2026.

* Doutora em Direito Processual pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2008). Mestre em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), com bacharelados em Filosofia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998) e em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1998). Professora Adjunta na PUC Minas, desde 2001, e-mail lucianapimenta@pucminas.br.

RESUMO

Este texto foi apresentado como Conferência no V Congresso Latino Americano de Direito, Memória, Democracia e Crimes de Lesa Humanidade, no Painel VI, intitulado A invisibilidade do feminino na obra *Os Sertões* e a violência Recôndita na História do Brasil, sendo ajustado para publicação, no formato de artigo, nos termos do edital. Ele propõe uma leitura da invisibilidade das mulheres ligada à posição social dos excluídos propondo, para tanto, uma releitura da violência do massacre de Canudos no decalque das fotografias da operação policial realizada nos complexos de favelas do Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro de 2025. O que estes eventos têm em comum é precisamente a recôndita violência contra minorias no Estado brasileiro.

Palavras-chave: a invisibilidade das mulheres; *Os Sertões*; Canudos; favelas; Direito e literatura.

ABSTRACT

This text was presented as a Conference Paper at the V Latin American Congress on Law, Memory, Democracy, and Crimes against Humanity, in Panel VI, entitled The Invisibility of the Feminine in the Work *Os Sertões* and the Concealed Violence in the History of Brazil, and has been revised for publication in article format, in accordance with the terms of the call for papers. It proposes a reading of the invisibility of women as connected to the social position of the excluded, and, to this end, offers a reinterpretation of the violence of the Canudos massacre through a juxtaposition with photographs of the police operation carried out in the favela complexes of Rio de Janeiro on October 28, 2025. What these events have in common is precisely the concealed violence against minorities within the Brazilian State.

Keywords: The invisibility of women; *Os Sertões*; *Canudos*; Favelas; Law and literature.

1 DUAS FOTOGRAFIAS POR EPÍGRAFES

Este texto toma por epígrafes duas dentre as incontáveis fotografias que estamparam os jornais do Brasil e do mundo, em razão da operação realizada em complexos de favelas do Rio, no dia 28 de outubro de 2025. As cenas dos corpos enfileirados na Praça São Lucas, no complexo da Penha, na manhã seguinte, quarta-feira (29), correram o Brasil e o mundo. “Ao lado das dezenas de homens mortos durante a Operação Contenção, realizada ontem (28) pelas polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro, estavam familiares, em sua maioria mulheres. Mães, irmãs e esposas que choravam ao redor dos corpos e questionavam a ação do Estado” (Pimenta, 2025).

Duas fotografias por epígrafes e a premissa de que “Uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária” (Sontag, 2004, p. 170). Fotografias que são, pois, rastros sobre os quais este texto caminha.

Fotografias-epígrafes que devem ser lidas em conjunto com as manchetes estampadas nos jornais: “Polícia atualiza para 121 o número de mortos em megaoperação no Rio: Ação é a mais letal da história do país; 117 civis e 4 policiais morreram”. (Couto e Figueiredo, 2025) b); “‘Vi corpo sem cabeça, corpos totalmente desfigurados’: o fotógrafo que acompanhou por 24 horas a operação policial que deixou 121 mortos no Rio.” (Pina, 2025); “Grande número de

mortos indica que operação em complexos de favelas do Rio de Janeiro não pode ser chamada de sucesso, avalia docente da Unesp”. (Montenegro, 2025).

Todas as manchetes acima estampam as capas de jornais do Brasil de 29 de outubro de 2025 e se referem à operação realizada pelas polícias Civil e Militar, no dia 28 de outubro, em complexos de favelas do Rio de Janeiro. Quanto às fotografias, na primeira, uma mulher beija um dos corpos levados a praça no Complexo da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 29 de outubro de 2025. Na segunda, mães, irmãs e esposas que choravam ao redor dos corpos e questionavam a ação do Estado. O que elas têm em comum com o Massacre de Canudos, mais de 120 anos depois, é o que eu gostaria de mostrar.

2 A FAVELA

Começar pelo termo ‘favela’. A palavra ‘favela’ tem origem na Guerra de Canudos (1896-1897). Após o conflito, soldados que retornaram ao Rio de Janeiro, sem moradia e sem salários, ocuparam um morro da cidade. Eles apelidaram esse morro de "Morro da Favela" (Carvalho, 2022), uma referência a um morro baiano de Canudos que era coberto pela planta de mesmo nome, favela, também denominada faveleira, pela semelhança de suas sementes com favas.

A favela é descrita por Euclides da Cunha, no comezinho d’*Os Sertões*, capítulo II, Golpe de vista do alto de Monte Santo. Do alto da Favela. Primeiro, Euclides descreve *o lugar*.

Galgava o topo da Favela. Volvia em volta o olhar para abranger de um lance o conjunto da terra. E nada mais divisava recordando-lhe os cenários contemplados. Tinha na frente a antítese do que vira. Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, fundamente revolto, sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas. Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros — arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros de imaginativa ingênua, acreditassem que "ali era o céu..." (Cunha, 1984, p. 15).

Depois, Euclides descreve *a planta*.

As favelas, anônimas ainda na ciência — ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus — talvez um futuro gênero cauterium das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao esfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão, que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaturável.” (Cunha, 1984, p. 25).

De modo que, seja nomeando o lugar, seja na descrição da planta, a favela tem destaque em *Os Sertões*, marcando a geografia da cidade selvagem: “Porque a cidade selvagem, desde o princípio, tinha em torno, acompanhando-a no crescimento rápido, um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores, enfiando todas as veredas, planos de fogo volvidos, rasantes com o chão, para todos os rumos” (Cunha, 1984, p. 109). A palavra ‘favela’, aliás, aparece 81 vezes¹ no livro-documentário de Euclides da Cunha, mais vezes do que a palavra mulher, tema que se coloca que questão.

¹ A contagem do termo ‘favela’ foi feita na versão digital, em pdf. Cf. Cunha, 1984.

Na manchete da CNN, em que o jornalista que fez a cobertura da operação por 24h, “Vi corpo sem cabeça, corpos totalmente desfigurados”, deixa-se rever o destino do próprio Antônio Conselheiro:

Em 5 de outubro de 1897 são mortos os últimos defensores de Canudos, e o Exército inicia a contagem das casas do arraial. No dia seguinte o cadáver de Antônio Conselheiro é encontrado enterrado no Santuário de Canudos, sua cabeça é cortada e levada até a Faculdade de Medicina de Salvador para ser examinada pelo médico Nina Rodrigues, pois para a ciência da época, “a loucura, a demência e o fanatismo” deveriam estar estampados nos traços de seu rosto e crânio”. (Há 125 anos, 2022).

O cadáver de Antônio Conselheiro é um dos últimos pontos tratados por Euclides da Cunha. Ele assim registra o ato de fotografá-lo e o destino de sua cabeça:

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele terribilíssimo antagonista. Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita — e, como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores... Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura... (Cunha, 1984, p. 352).

A última manchete “Grande número de mortos indica que operação em complexos de favelas do Rio de Janeiro não pode ser chamada de sucesso, avalia docente da Unesp” (Montenegro, 2025) foi produzida declaração discurso do Governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, parabenizando a operação nas favelas do alemão e da Penha (Operação, 2025).

Voltemos à pergunta: O que a operação nas favelas do Rio de Janeiro, iniciada há dois dias, têm em comum com o desfecho da Guerra de Canudos? A resposta segue doendo em nós: ambas são massacres em que O ESTADO BRASILEIRO MATA SEUS CIDADÃOS.

Não é demais lembrar que Euclides da Cunha encerra *Os Sertões* com o capítulo Duas linhas, onde se lê: “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...” (Cunha, 1984, p. 354), referindo-se, nestas duas linhas, a Robert John Maudsley, nascido em 26 de junho de 1953, na Inglaterra, considerado um [assassino em série](#), condenado pela morte de quatro pessoas. É considerado, por muitos, o assassino “mais perigoso da Inglaterra”, e cumpre [prisão perpétua](#). Em abril de 2025, ele foi transferido para uma nova prisão, a HMP Whitemoor, após passar 46 anos em confinamento solitário, em uma cela de vidro subterrânea na prisão de Wakefield.

3 O PODER DA LITERATURA

Mas por que começar desta relação entre *Os Sertões* e manchetes de assassinatos em série, que seguem acontecendo no Brasil, sem que haja um Maudsley que por elas responda? Talvez para lembrar o poder da literatura: “Essa estranha instituição chamada literatura” (Derrida, 2014). Um poder que pode ser compreendido de muitas formas. Algumas delas, quero realçar, ao longo deste texto.

Começo por lembrar que, mesmo *Os Sertões* não tendo dito tudo sobre o que se passou em Canudos e, principalmente, sobre *como* que se passou, muito do que sabemos sobre esta que foi uma das experiências mais marcantes da história do Brasil nós o sabemos com e pelo livro *Os Sertões*.

É fato que *Os Sertões* não são a única literatura documental sobre Canudos. *Os jagunços* por exemplo, foi escrito para o jornal "O Commercio de S. Paulo" e publicado em 1898, 4 anos antes do lançamento de *Os Sertões*, por Afonso Arinos, sob o pseudônimo de Olívio de Barros. Até onde tenho notícias, foi primeira obra literária/histórica inspirada na Guerra de Canudos e sobre a vida sertaneja.

Outras obras foram também lançadas anteriormente a *Os Sertões*, além de *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, sendo elas, a saber: *Última expedição a Canudos* (1898), de Emídio Dantas Barreto; *O rei dos jagunços* (1899), de Manuel Benício; *A campanha de Canudos* (1900), de Aristides Milton; *Descrição de uma viagem a Canudos* (1900), de Alvim Martins Horcades; *A guerra de Canudos* (1902/1903), de Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares. Estas informações estão compiladas na pesquisa de Udineia Braga Braga (2025), licenciada em História e Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia.

O primeiro aspecto que quero realçar sobre o poder da literatura é precisamente este de se construir e reconstruir uma história social com, na e a partir da literatura. Tenho defendido, as pesquisas de Direito e Literatura como movimento de re-leitura e re-escritura do Direito (Pimenta, 2022) ou seja, como fonte da história do Direito e também de direitos, na medida em que direitos são produzidos por lutas e movimentos narrativos e interpretativos dessas lutas que nos constituem, historicamente. Dito de outra forma (Pimenta, 2025), um direito literário (Pimenta, 2023).

Mas por que estamos aqui, reunidos em torno d'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, uma vez que os acontecimentos ocorridos no interior da Bahia, em 1896-97, já tinham alguma representação literária e histórica, em outros livros, que também funcionam como fonte para análise e compreensão dos acontecimentos do arraial?

Respondo esta pergunta com Ítalo Calvino. "Os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos" (Calvino, 1993, p. 16). Esta é a síntese de uma lista de 14 propostas de definição apresentadas por Ítalo Calvino em *Por que ler os clássicos*. Dentre as propostas, cinco delas nos são particularmente importantes aqui: "Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual" (Calvino, 1993, p. 10/11); "Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura" (Calvino, 1993, p. 11); "Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)" (Calvino, 1993, p. 11); "De todas as definições apresentadas por Ítalo Calvino, minha favorita sempre foi "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" (Calvino, 1993, p. 11). Penso que seja, também, a que mais combina o que estamos fazendo neste Congresso.

Aqui estamos, em mais uma leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, lendo e escutando o que este clássico tem a dizer sobre quem somos, como nos constituímos como país, como não, como república. Uma leitura que, certamente, não se esgotou e não se esgotará.

Ler, entretanto, não é um gesto simples. Não nos coloca em contato apenas com as palavras ou com o dito, mas também o com o não dito, os espaçamentos, as hiências, as invisibilidades, os vazios e as histórias por vir. Um por vir que não é apenas futuro, mas um passado por vir, precisamente aquele que advém da leitura e releitura que fazemos do passado.

Esta situação se torna particularmente necessária quando a leitura se orienta pela presença (ou ausência) do feminino no texto.

4 A PRESENÇA/AUSÊNCIA DA MULHER, N'OS SERTÕES

A presença da mulher na história é quase sempre lida, primeiro, nos vazios. Em *Os Sertões*, não é diferente. Não por outro motivo o tema que nos trouxe a esta mesa foi “A invisibilidade do Feminino na obra *Os Sertões* e a Violência Recôndita na História do Brasil”.

A tecnologia, aqui, se torna uma aliada. O texto, no formato virtual, permite uma contagem das palavras, a partir de um simples sistema de busca.

N’*Os Sertões*, a palavra mulher aparece da seguinte forma: 32 ocorrências, no plural (mulheres), 6 ocorrências no singular (mulher) e 2 ocorrências no coletivo (mulherio); Ao todo, são 40 ocorrências. Um balanço comparativo apresenta, por outro lado, 169 ocorrências para a palavra homem, sendo 70, no singular, e 99 no plural. Ao lado das 40 ocorrências, a palavra ‘mulher’ vem acompanhada de palavras como megera, que aparece em 3 ocorrências; desatinada, também em 3 ocorrências; feia, 2 ocorrências; bruxa, desalinho, satã são outras ocorrências a compor a presença-ausência da mulher n’*Os Sertões*.

Descrevendo o alvoroço dos seguidores, em torno de Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha inclui aí uma fotografia do feminino:

O misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadisse a assembléia, adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as sagradas relíquias. Por fim as últimas saíam, entregues pelo Beato, quando as primeiras alcançavam as derradeiras filas dos crentes. E cumulava-se a ebiez e o estonteamento daquelas almas simples. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, presas no contágio irreprimível da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturais, que o animismo ingênuo emprestava às imagens, penetrassem afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava à multidão um desvairamento irreprimível. Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desatavam-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes, de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, **mulheres alucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da histeria**, crianças assustadiças desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura de loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebatidas, vibrava no mesmo ictus assombroso, em que explodia, desapoderadamente, o misticismo bárbaro... Mas de repente o tumulto cessava. Todos se quedavam ofegantes, olhares presos no extremo da latada junto à porta do santuário, aberta e enquadrando a figura singular de Antônio Conselheiro. (Cunha, 1984, p. 118, grifo nosso).

Dito de outra forma, a mulher aparece em *Os Sertões*, literalmente ao lado daqueles excluídos do protagonismo em Canudos.

Quero abrir aqui uma nota ao pé da minha voz, para dizer que *Dito de outra forma, Direito e Literatura* é o título livro que lançaremos no próximo dia 06 de dezembro organizado por mim, com textos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Legentes, do qual faço a coordenação. Nossa proposta é exatamente mostrar como é possível dizer a história e o direito de outras formas, *quer dizer*, escrevendo nos vazios, *quer dizer*, escutando gritos emudecidos, *quer dizer*, relendo imagens que se tornaram esquecidas².

Esse jogo de repetições é mesmo uma estratégia para dizer que as formas não estão emolduradas, tampouco o direito – aquilo que chamamos direito, aquilo que sabemos sobre o

² A questão que nos provoca pode ser desdobrada de diversas formas: O que ‘direito’ quer dizer? Dito de outra forma, o que ‘o’ direito quer dizer? Dito de outra forma, quem diz, quando o direito está a dizer? Ou, relendo a História do Direito, quem pôde dizer o direito, até aqui? Dito de outra forma, quem tem direito de dizer o que é o Direito diz o quê? Letra maiúscula ou minúscula? O que a forma de dizer tem a dizer por quem e a quem diz?” Cf. Pimenta, 2025.

direito, aquilo que reivindicamos por direito – como quiseram e ainda querem aqueles que, como pretendeu Kelsen, pensaram o direito a partir de molduras.

Ao narrar o incômodo que Antônio Conselheiro vinha causando aos políticos da Bahia, à medida em que ampliava sua ação e co-moção sobre as gentes sertanejas, Euclides da Cunha escreve:

...dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcos, demarcando-lhe a passagem, as torres de dezenas de igrejas que construía; fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Chorrochó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Macete, e fizera voltar outra, de oitenta praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no Congresso Estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual, impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a "parte d'Os Sertões perturbada pelo indivíduo Antônio Conselheiro", outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselhos se modelavam pela ortodoxia a cristã mais rígida; fizera voltar, abortícia, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispo baiano, e no relatório alarmante a propósito escrito por frei João Evangelista afirmara o missionário a existência, em Canudos — **excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos** — de mil homens, mil homens robustos e destemerosos "armados até aos dentes"; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional... (Cunha, 1984, p. 132, grifo nosso).

“Excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos...” É aí, neste lugar de exclusão, que a mulher aparece neste que é um dos mais importantes textos para compreendermos a fundação do Brasil, seu sentido de república, sua recôndita violência.

A primeira menção à mulher, no romance-jornalístico de Euclides da Cunha, aparece na referência à carta do Pe. Nóbrega ao rei, solicitando que enviassem mulheres órfãs ou mesmo “mulheres erradas”:

Os forasteiros que aproavam àquelas plagas eram, ademais, de molde para essa mistura em larga escala. Homens de guerra, sem lares, afeitos à vida solta dos acampamentos, ou degredados e aventureiros corrompidos (...). A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem o clero se isentava. O padre Nóbrega definiu bem o fato, na célebre carta ao rei (1549) em que, pintando com ingênuo realismo a dissociação dos costumes, declara estar o interior do país cheio de filhos de cristãos, multiplicando-se segundo os hábitos gentílicos. Achava conveniente que lhe enviassem órfãs, ou mesmo mulheres "que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa. (Cunha, 1984, p. 52).

Quero demorar um pouco aqui, na expressão “por ser a terra larga e grossa” para pensar que o feminino n’*Os Sertões* também precisa ser lido a partir da terra, a mãe terra que traz, na aridez do solo nordestino, especialmente ali, no contexto da Grande Seca do Nordeste, de 1877–1879, o mais devastador fenômeno de seca da história do Brasil. A calamidade é responsável pela morte de entre 400.000 e 500.000 pessoas. A região mais afetada foi precisamente a província do Ceará. Foram três anos seguidos sem chuvas, sem colheita, sem plantio, com perda de rebanhos e com a fuga das famílias. De um total de 800.000 pessoas que viviam na área afetada da região Nordeste, em torno de 120.000 migraram para a Amazônia, enquanto 68.000

migraram para outras partes do Brasil. Foi na contramão desse movimento que Antônio Conselheiro fundou o arraial de Canudos.

A terra, com seus sulcos, suas rachaduras, é um espelho outro para o rosto de homens e mulheres sertanejas, marcadas pela dureza, pela resistência, pela luta. Os rios, que seriam espelhos em outros contextos, não refletem ali onde o feminino precisa procriar-se na aridez. Assim, as árvores, as mulheres-árvores, são a própria resistência ao regime bruto da seca.

Ao falar dos cajueiros, Euclides da Cunha nos dá a “supreendente profunda” desse enraizamento feminino no sertão:

Vêm-se numerosos aglomerados em capões ou salpintando, isolados, as macegas, arbúsculos de pouco mais de metro de alto, de largas folhas espessas e luzídias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral. São os cajueiros anões, os típicos anacardia humilis das chapadas áridas, os cajuís dos indígenas. **Estes vegetais estranhos, quando ablaqueados em roda, mostram raízes que se entranham a surpreendente profunda.** Não há desenraizá-los. O eixo descendente aumenta-lhes maior à medida que se escava. Por fim se nota que ele vai repartindo-se em divisões dicotômicas. Progride pela terra dentro até a um caule único e vigoroso, embaixo. (Cunha, 1984, p.24. grifo nosso).

Ainda sobre a caracterização da mulher, referindo-se aos soldados, Euclides da Cunha escreve:

Seguiam sem que entre eles se rastreassem breves laivos sequer de organização militar. Tendo, na maior parte, por adaptação, copiado os hábitos do sertanejo, nem os distinguia o uniforme desbotado e em tiras. E calçando alpercatas duras; vestindo camisas de algodão; sem bonés ou barretinas, cobertos de chapéus de couro, figuravam famílias de retirantes demandando em atropelo o litoral, fustigados pela seca. Algumas mulheres, amantes de soldados, vivandeiras-bruxas, de rosto escaveirado e envelhecido, completavam a ilusão (Cunha, 1984, p. 279).

Não aparecem descrições cuidadosas sobre o que faziam as mulheres no Arraial, como a que aparece no texto de Manoel de Benício, O Rei dos Jagunços:

[...] mulheres desenvolviam diversas tarefas para além das domésticas como fabricar farinha de bró e parreira, trazia das caatingas as linhas do urucuri, raspavam, esmagavam a macetes e piladas no gral bojudo de madeira de lei, passavam na urupema a massa úmida do pau pisado, peneirava, e levava ao forno de lenha em farelo ou cuscuz, usavam a parreira para fabricar farinha e com sua goma fina preparava beijus, alimento para os que estavam no arraial, sendo fundamental para a sobrevivência daqueles que seguiam o peregrino. (Benício, 1997, p. 92).

Mas Euclides da Cunha não fechou este livro interminável sem dizer:

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem... Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos... (Cunha, 1984, p. 352).

Penso que Euclides da Cunha sabia quando disse: “Canudos não se rendeu Fechemos este livro”. Canudos segue sendo a luta de todos os dias, de todos os que estão entre as minerais, no Brasil. E as mulheres aí estão.

6 QUEM SOMOS E AONDE CHEGAMOS

Voltemos às manchetes de jornais ou, dito de outra forma, à violência recôndita na história do Brasil:

Brasil tem dez mulheres assassinadas por dia, segundo Atlas da Violência (Couto, 2025a);

Maioria dos lares brasileiros é chefiada por mulheres, revela pesquisa (Maioria, 2025); Mulheres negras e pobres pagam 3 vezes mais impostos do que os super-ricos, aponta estudo (Serpa, 2025);

Mães de mortos questionam operação no Rio (Silva, 2025)

A violência de gênero, o apagamento, a sobrecarga e o memoricídio persistem... Não é coincidência que ‘a’ favela, ‘a’ mulher e ‘a’ literatura sejam instâncias femininas, de resistência e ressignificação.

Quanto às fotografias da epígrafe, talvez elas sejam, ainda, um decalque da fotografia “400 jagunços prisioneiros”. Fotografia mais emblemática do massacre de Canudos.

Nas palavras de Juliana Muñoz:

Tirada um dia após o assalto final ao arraial, essa fotografia registra a presença dos vencidos em seu momento mais vulnerável. O grupo está representado como um coletivo sem rosto, em sua maioria composto por mulheres e crianças que, sentadas no chão, encurvadas e vestindo apenas alguns trapos, refletem a face da fome e da dor. Alguns parecem querer cobrir o rosto com as mãos, talvez em uma tentativa de salvaguardar a própria dignidade (Muñoz, 2021, p. 296).

Fotografia 3 — 400 jagunços prisioneiros.



Fonte: Barros, 1897.

E o Estado Brasileiro segue matando seus cidadãos...

REFERÊNCIAS

BENÍCIO, Manoel. **O Rei dos Jagunços**. Crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 997.

BRAGA, Udineia Braga. A presença das mulheres no Arraial de Canudos e sua participação na guerra. In: 33º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2025, Belo Horizonte. **Anais** [...]. p. 1 a 16. Disponível em:

https://www.lab32.eventos.dype.com.br/snh2025/resources/anais/11/snh2025/1742567167_A_RQUIVO_e54719bf4021ed2e59891a3486ddb72.pdf Acesso em: 30 out. 2025.

BARROS, Flávio de. **400 jagunços prisioneiros**. 1897. Fotografia. Coleção Canudos, Acervo Museu da República/IBRAM1897. Arquivo Histórico Museu da República.

Calvino, Ítalo. Por que ler os Clássicos? Tradução Nilson Moulin. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2ª ed., 1993.

CARVALHO, Alexandre. De onde vem a palavra “favela”? Entenda a ligação entre a Guerra de Canudos, descrita por Euclides da Cunha em "Os Sertões", e a origem do termo para conjuntos habitacionais precários. **Super Interessante**. 21 de out. 2022. Disponível em

Leia mais em: <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-vem-a-palavra-favela/> Acesso em: 30 de out. 2025.

COUTO, Camille. Brasil tem dez mulheres assassinadas por dia, segundo Atlas da Violência. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro e São Paulo, 12 mai, 2025a. Disponível em

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-dez-mulheres-assassinadas-por-dia-segundo-atlas-da-violencia/> Acesso em: 30 de out. 2025.

COUTO, Camille. Figueiredo, Carolina. Polícia atualiza para 121 o número de mortos em megaoperação no Rio: Ação é a mais letal da história do país; 117 civis e 4 policiais morreram. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro e São Paulo, 30 out. 2025b, Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/policia-atualiza-numero-de-mortos-em-megaoperacao-no-rio/> Acesso em: 30 de out. 2025.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

Disponível em <http://www.culturatura.com.br/obras/Os%20Sert%C3%B5es.pdf>

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Introdução de André Botelho, Lilia Schwarcz. Posfácio de Luiz Costa Lima. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HÁ 125 ANOS morria o cearense que foi um místico rebelde e líder espiritual do Arraial de Canudos, no Sertão da Bahia: 'LENDA E HISTÓRIA' A morte de Antônio Conselheiro. **A União**, 22 set. 2022. Disponível em

https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/lenda-e-historia-a-morte-de-antonio-conselheiro. Acesso em: 30 de out. 2025.

MAIORIA dos lares brasileiros é chefiada por mulheres, revela pesquisa. **G1**, 03 de ago.

2025. Disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2025/08/03/maioria-dos-lares-brasileiros-e-chefiada-por-mulheres-revela-pesquisa.ghtml> Acesso em 30 de out 2025.

MONTENEGRO, Mariana. Grande número de mortos indica que operação em complexos de favelas do Rio de Janeiro não pode ser chamada de sucesso, avalia docente da Unesp: Especialista em segurança pública e vice-coordenador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero, Cláudio Edward dos Reis aponta problemas em abordagem que priorizou enfrentamento violento e resultou em mais de 130 mortes, sendo quatro de policiais. **Jornal da Unesp**. São Paulo. 29 out.2025. Disponível em <https://jornal.unesp.br/2025/10/29/grande-numero-de-mortos-indica-que-operacao-em-complexos-de-favelas-do-rio-de-janeiro-nao-pode-ser-chamada-de-sucesso-avalia-docente-da-unesp/> Acesso em: 30 de out. 2025.

MORAES, Ricardo. Mulher beija um dos corpos levados a praça no Complexo da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro. In: Veja imagens do dia seguinte à megaoperação no Rio de Janeiro, considerada a mais letal da história Moradores do Complexo da Penha afirmam ter encontrado mais de 70 corpos e levado para uma praça, onde foram recolhidos pela Defesa Civil do Estado. **G1. Globo**. Rio de Janeiro. 29 out. 2025. Fotografia (Agência Reuters) Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/10/29/veja-imagens-da-megaoperacao-no-rio-de-janeiro.ghtml> Acesso em: 30 de out. 2025.

MUÑOZ, Juliana Fillies Testa. Símbolos da masculinidade na obra de Flávio de Barros. Uma leitura das fotografias de Canudos sob a ótica do gênero. Periódico acadêmico. Vol. 50. Ed. 2. (Nov. 2021): 285-303. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/2621875605?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true&sourcetype=Scholarly%20Journals> Acesso em: 30 de out. 2025.

"OPERAÇÃO no Rio de Janeiro foi um sucesso", diz Cláudio Castro. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro, 29 de out. 2025. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/operacao-no-rio-de-janeiro-foi-um-sucesso-diz-claudio-castro/> Acesso em: 30 de out. 2025.

PIMENTA, Luciana. Direito e Literatura como movimento de re-leitura e re-escritura do Direito: o método pr' além do método - articulações pluriversais de caminhos por vir, talvez o direito à alegria. In: FALEIROS, Taísa Haber; LIMA, Lucas Ferreira Mazete. (org.) **Mimesis: O direito através da literatura**. São Paulo: Dialética, 2022.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino de Araújo. Direito fundamental dos corpos negros à maternidade: por um direito literário e escre(vi)vente. **Revista do Tribunal Regional Federal da 1ª Região**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 153-163, 2023.

PIMENTA, Luciana (Organizadora). **Dito de outra forma, Direito e literatura**. São Paulo: Editora Dialética, 2025.

PIMENTA, Thiago. Mães de mortos questionam operação no Rio: “Arrancaram o braço dele”. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro. 29 out. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2025-10/maes-de-mortos-questionam-operacao-no-rio-arrancaram-o-braco-dele> Acesso em: 30 de out. 2025.

PINA, Rute. 'Vi corpo sem cabeça, corpos totalmente desfigurados': o fotógrafo que acompanhou por 24 horas a operação policial que deixou 121 mortos no Rio. **BBC News Brasil**. São Paulo, 29 out. 2025. Disponível em

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyv8nrlll0yo> Acesso em: 30 de out. 2025.

SERPA, Verônica. Mulheres negras e pobres pagam 3 vezes mais impostos do que os super-ricos, aponta estudo. **Alma Preta**, 15 de jul. 2025. Disponível em

<https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mulheres-negras-e-pobres-pagam-3-vezes-mais-impostos-do-que-os-super-ricos-aponta-estudo/> Acesso em: 30 de out. 2025.

SILVA, Tomaz. In: Pimenta, Thiago. Mães de mortos questionam operação no Rio:

“Arrancaram o braço dele”. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro. 29 out. 2025. Fotografia

(Agência Brasil) Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-10/maes-de-mortos-questionam-operacao-no-rio-arrancaram-o-braco-dele> Acesso em: 30 de out. 2025.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.